

A ERRÂNCIA DO SER E A(S) SUBJETIVIDADE(S) DO CORPO EM A FÚRIA DO CORPO DE JOÃO GILBERTO NOLL.

Francisca Gilmara da Silva Almiro
Roniê Rodrigues da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Resumo

Com um fazer literário instigante, João Gilberto Noll insere-se na literatura brasileira contemporânea como um dos ficcionistas de destaque dos últimos trinta anos. Ao recorrer a uma linguagem fragmentada, o autor dá vida ao ser nômade da contemporaneidade, revela homens que cultivam incertezas do momento presente e que deixam a vida acontecer em uma fluidez acelerada. Noll traz em suas narrativas, protagonistas que transitam entre o ser e o não ser, personagens que trafegam entre um lugar e outro em um nomadismo territorial e identitário que não cessa. A partir desses destaques dados à produção literária de João Gilberto Noll, objetivamos neste trabalho analisar a representação da errância e a(s) subjetividade(s) do corpo na obra *A Fúria do Corpo*. Para tal, buscamos amparo teórico na filosofia através de autores como Deleuze e Guattari (1995), os quais discutem os conceitos de rizoma e desterritorialização, reterritorialização. Destarte, para fundamentar as discussões sobre o corpo e as subjetividades evocamos Foucault (1999), bem como outros que se fizerem pertinentes ao longo do texto. Além disso, trazemos Michel Maffesoli (2001) para ancorar a discussão acerca do nomadismo e/ou errância dos sujeitos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Corpo, Identidade, subjetividade, nomadismo.

A pós-modernidade constitui-se a partir da ideia de enraizamentos múltiplos, por meio de desejos de mudança, de errância, de inserir-se em territórios que estão para além do vivido. Michel Maffesoli em seu livro *Sobre o Nomadismo: Vagabundagens pós-modernas* (2001) desenvolve uma discussão a respeito da dinamicidade que constitui o ser humano na contemporaneidade. Para o autor, esse momento está imbuído de articulações mutáveis que vão desde a errância do ser até a(s) subjetividade(s) que constituem o homem e sua vivência nos últimos tempos.

Nessa mesma linha de pensamento, Bauman (2005) traz a reflexão de que “as identidades flutuam no ar” e que estas estão lançadas tanto pela experiência de espelhamentos em relação ao outro, quanto pela estrangeiridade que constrói os sujeitos na contemporaneidade. É a partir dessas perspectivas que estudaremos a narrativa de Noll, partindo dos momentos que trazem a instantaneidade da vida e a velocidade exigida pelo tempo pós-moderno.

Um fato destacado na obra de Noll, objeto de nosso estudo, refere-se ao corpo, o qual aponta para um tempo de subjetividades em que o outro e o próprio corpo são caracterizados pelo esfacelamento, pela não afirmação de si mesmo, pelo desejo de deslocar-se seja em espaços físicos, seja em personalidades ou identidades. Sobre isso, vejamos o trecho do romance que segue, no qual o narrador nos apresenta uma outra personagem: “darei a esta mulher um nome que não se encontra em nenhum cartório, um nome que não dará meu rastro ao inimigo, um nome que une a força dos

astros, um nome cujo desempenho estará sempre lá onde o guardamos” (NOLL, 2008, p. 14). O que percebemos pelo trecho é que a tentativa do narrador, parece ser apresentar ao leitor uma personagem que não possui identificação fixa. É a mulher que tem um nome estabelecido para si, mas que esse mesmo nome não faz referência a identificação única ou fixa, pelo contrário, abre espaço para a pluralidade de significações. O mesmo fato pode ser ainda encontrado no trecho a seguir: “e quando numa rua de Copacabana ponho a mão sobre a cabeça desta mulher para batizá-la do nome noto que ela recebe a Graça e invoca seu próprio mistério como quem se investe de si mesmo” (NOLL, 2008, p. 14).

Em Noll, nos é possível fazer essas leituras e perceber que os personagens, o próprio narrador são figuras interligadas que atuam juntos, são órfãos em trânsito, que se deixam afetar pelo mundo à sua volta e, esperam dele somente a possibilidade de continuar vagando, uma vez que não estão presos a nada, nem a ninguém. São personagens que caracterizam o sujeito definido por Hall (2006), um sujeito contemporâneo que perde o sentido de si e o ganha novamente.

Sobre essa perda de sentido Hall (2006) alude que:

Esta perda de um “sentido em si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento — descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade” para o indivíduo. [...] a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza [...]” (HALL, 2006, p. 9)

Ao transmitirmos esse fato para o objeto em estudo, percebemos que temos uma narrativa repleta das experiências de mundo vivenciadas por seus personagens e que trazem as marcas de um momento que perpassa a literatura. É uma narrativa que vem como reflexo do momento e do mundo circundante, da inconstância que a vida cotidiana se tornou.

O narrador nos apresenta o nome “Afrodite” apenas como um nome comum, mas que não marca a identidade da personagem. O nome, se pararmos para analisar, nos permite adentrar em uma linha de fuga que chega a mitologia grega, na qual Afrodite, representa a deusa da beleza, do amor. Entretanto, nas palavras de Noll, Afrodite é (2008, p.15) “um nome que não é nada além de todos os outros, um nome, um nome enfim”. Esse fato nos leva a crer na percepção de que há possibilidades de se fazer a movimentação das leituras sem que se encerrem os sentidos no que está linguisticamente marcado, o que podemos ver elucidado em Deleuze e Guattari (1995).

Para os filósofos, a leitura de uma obra literária acontece de forma rizomática e segue princípios que confluem para a subjetividade, para a multiplicidade de sentido(s) que o texto permite. A literatura de Noll nos aponta esse emaranhado de caminhos. É uma literatura que proporciona não somente aos personagens se tornarem errantes, mas também ao próprio leitor quando permite o deslocamento do lugar comum de interpretação para outros lugares, para outros agenciamentos. Para ler Noll é necessário ser errante da palavra, do discurso e perceber como estes entram em funcionamento para construir sentido(s).

Deleuze e Guattari (1995) discorrem sobre esse funcionamento de um texto literário e nos apontam que: Não se perguntará nunca o que o livro quer dizer, significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, s/p).

Dito de outro modo, a literatura permite a leitura de forma instável, fragmentada e associando ao que está no exterior, no contexto sociocultural. O texto é como uma pequena máquina que funciona em relação as demais. Sobre isso Medviédv (2012, p. 73) nos diz que não se deve esquecer, nem por um minuto a ligação que há entre uma obra literária e o meio ideológico, uma vez que é através dessa interação entre os campos diversos que a literatura revela-se e determina-se arte.

A referência do narrador-personagem é feita ao nome Afrodite para representar uma prostituta de rua que vive mendigando, perambulando em busca do “nada” e do “ninguém”. De fato, todas as personagens citadas no romance são indivíduos que vivem em penosas condições humanas em meio à coletividade, sem a preocupação em reconhecer sua existência. Além disso, o comportamento das personagens aqui analisadas nos remete a ideia de corpo como objeto, o qual é utilizado apenas para relações instáveis, errantes que vão desde o espaço físico até as mudanças e experiências com o corpo.

Sobre a subjetividades com que o corpo se apresenta entendemos, pelo enredo, que os dois personagens principais vivem as experiências com o corpo através do sexo. Ambos mantêm relações sem o estabelecimento de nenhum vínculo afetivo. O corpo e o sexo representam a imagem do desejo, da fascinação. Observemos o trecho: “Não me pergunte pois idade, estado civil, local de nascimento, filiação, pegadas do passado, nada, passado não, nome também: não. Sexo, o meu sexo

sim: o meu sexo está livre de qualquer ofensa, e é com ele-só-ele que abrirei caminho entre eu e tu, aqui.” (NOLL, 2008, p. 9).

Pelos trechos citados aludimos que as subjetividades na narrativa acontecem também pela representação que se faz do corpo das personagens. Esses aspectos subjetivos, além de inatos à literatura, permeiam as narrativas em análise, sobretudo, quando contemplam atos vividos pelos corpos dos personagens.

Teoricamente Guattari e Rolnik (2011) revelam que:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação ou de semiotização não estão centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias imtrapsíquicas, egoicas, microssociais), nem em agentes grupais [...] O indivíduo é serializado, registrado, modelado [...] A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individualização do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social. (GUATTARI e ROLNIK, 2011, p. 40)

Ao nosso ver as subjetividades assim, como as identidades, se formam a partir de uma perspectiva de alteridade. É pelo outro que a subjetividade, seja ela da narrativa ou do corpo ganha sentido e passa a existir a partir do outro. É o que parece transmitir a obra em estudo, no que se refere tanto aos aspectos da narrativa quanto aos do corpo das personagens.

Sobre isso, os autores supracitados ainda destacam que:

O indivíduo, a meu ver, está na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade. Entre esses componentes alguns são inconscientes. Outros são mais do domínio do corpo, território no qual nos sentimos bem. Outros são mais do domínio daquilo que os sociólogos americanos chamam de “grupos primários” (o clã, o bando, a turma). Outros, ainda, são, do domínio da produção de poder: situam-se em relação à lei, à polícia e a instâncias do gênero [...] Seria conveniente definir de outro modo a noção de subjetividade, renunciando totalmente à ideia de que a sociedade, os fenômenos de expressão social são a resultante de um simples aglomerado, de uma simples somatória de subjetividades individuais. Penso, ao contrário, que é a subjetividade individual que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia e tantas outras. (GUATTARI e ROLNIK, 2011, p. 43)

Nesse destaque em relação às subjetividades entendemos que em Noll podemos fazer a análise de uma narrativa que se revela imersa em subjetividades tanto no discurso do narrador quanto em outros momentos. São experiências que acontecem pelas relações de contato entre

ambientes e pessoas diversificadas, relações passageiras que acontecem literalmente pela “fúria do corpo” e dos desejos. Vale ressaltar que todas as representações feitas partem de uma relação com outro e com o contexto em que este está inserido na sociedade. A tentativa de entender a identidade que constitui o sujeito niiliano é uma das formas de fazer o homem perceber que o mundo a sua volta está repleto de inconstâncias, de segregações que confluem para o entendimento que não há unicidade das coisas, mas sim pluralidade, diversidade, transitoriedade, característico da contemporaneidade.

Ao observarmos o contexto em que vivemos entendemos que ele exige o acompanhamento da inovações ao longo do tempo. Este acompanhamento nos proporciona um movimento de nós mesmos, no nosso interior que advém de outro(s) movimentos oferecidos pela pós-modernidade, fato este que nos torna indivíduos fragmentados vivendo em um mundo também fragmentado. Não podemos mais ser um que se constrói sozinho, mas vários que constituem um “eu” cindido, “eus” que estão aptos para estar em muitos lugares. Já não mais existe uma estrutura estável em que as pessoas se caracterizam por ter determinada identidade, acabada, por estar em único e imóvel lugar, pois o movimento do mundo contemporâneo exige que o ser humano acompanhe esse processo de modificações, de mutações, de deslocamentos de identidades, de nomadismo.

Sobre esse momento chamado de pós-modernismo, Eagleton (1998) nos diz que é uma espécie de estilo de cultura que reflete em nós as modificações causadas pela pós-modernidade, “[...] por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista [...]” (EAGLETON, 1998, p.7).

O pensamento do autor interage com o de Zygmunt Bauman (2005) quando este afirma que:

[...] o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Em outras palavras, a ideia de ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de um só tacada.” (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Assim, entendemos que a identidade não é sólida, mas constitui-se baseada no aspecto da vida social que se caracteriza pela diversidade, pela mutabilidade, não havendo, desse modo, a afirmação do pertencimento a algo ou alguém. É isso o que acontece na obra em análise. As personagens ao perambularem pelas ruas não despertam para vínculos afetivos, nem tão pouco para uma definição de identidade, são personagens que vivem na condição de nomadismo.

Nessa perspectiva, Michel Maffesoli (2001, p.37) discute que somos, enquanto sujeitos, estrangeiros, seres nômades, errantes na construção de nossas identidades, tanto no sentido social quanto cultural, haja vista que a errância está inscrita “na própria estrutura da natureza humana; quer se trate de nomadismo individual ou social”. Dito de outro modo, o andarilho, ou errante é reconhecido como alguém que em um primeiro momento desperta curiosidade e depois se torna familiar. Nas palavras do estudioso “O andarilho, como o nome indica, serve de certa forma de má consciência. Ele violenta por sua própria situação, a ordem estabelecida, e lembra o valor de pôr-se a caminho.” MAFFESOLI (2001, p. 14).

Vemos na obra de João Gilberto Noll que as personagens encontram-se desterritorializadas do mundo em que vivem. Este fato poder ser elucidado no seguinte trecho: O meu nome de hoje poderá não me reconhecer amanhã. Não soldo portanto à minha cara um nome preciso.” (NOLL, 2008, p. 9). O que ora parece ocorrer com as personagens é que elas são herdeiras de uma luta consigo mesma, de frustrações e insucessos, de crises identitárias. São sujeitos que adentram na busca pelo estar entre um e outro lugar. Não temos mais o personagem decidido, que desenrola as ações com facilidade, mas aquele cheio de dúvidas e incertezas, um personagem, protagonista ou não, imerso em divagações da consciência embaçada e que, por assim ser, acabam por nos envolver enquanto leitores.

Nessa perspectiva o nosso trabalho faz-se pertinente por nos conduzir a diversos caminhos, dentre eles, o labirinto que faz do personagem um eterno viajante, um ser indefinido que está à procura de lugares incertos. Vale ressaltar, que encontramos também, além de personagens secundários, narradores inseridos em um universo de ações confusas. Por outro lado, Noll nos aponta um emaranhado de caminhos em que os personagens se deixam influenciar pelo mundo à sua volta e, espera dele somente a possibilidade de continuar vagando, uma vez que não estão presos a nada, nem a ninguém, não têm nada a perder ou a deixar.

Em outras palavras, a narrativa expoente do autor supracitado está repleta das experiências de mundo de seus personagens que, em meio a andanças movem-se sem definição de identidade e de destino. Além disso, o trânsito, o mal estar são marcas visíveis que os fazem percorrer por

espaços inimagináveis. O ambiente de casa é esquecido e afloram na memória os movimentos que caracterizam uma identidade também fluida, que não se configura em definição, mas em trânsito.

A obra escolhida para análise nesta pesquisa, intitulada *A Fúria do Corpo* do escritor João Gilberto Noll, é, portanto, uma narrativa que se torna campo de batalha para o leitor, haja vista, acontecer em um estado movente, tanto na própria linguagem quanto na formação e movimentação dos personagens. O romance traz à tona uma solidão exacerbada de personagens da sociedade contemporânea, que vivem imersos em desejos de fluidez na tentativa de amenizar suas dores, que buscam nas drogas, no álcool e no sexo, no uso do corpo como objeto, o “alívio” desejado para as exigências do dia a dia.

Ao utilizar uma linguagem despojada, ousada, João Gilberto Noll, nos traz mais uma narrativa que mostra o vazio disposto no interior do ser humano. As personagens são seres desamparados, órfãos, movidos pelo contato fugaz com o outro, o qual logo se vai. Em toda a narrativa, há a frequência de movimentação, de afastamentos do lugar-comum, entre um desejo e outro, sem chegar ao espaço definido. Através do discurso do narrador percebem a todo o momento que a errância, a transitoriedade é constante.

É em meio a todos esses fatos que desenvolvemos nosso trabalho com o objetivo de responder às seguintes indagações: De que maneira o discurso do narrador influencia na construção da identidade dos personagens? Como se configura a errância na obra *A Fúria do Corpo*? Como acontece a representação da subjetividade dos corpos na obra estudada? Desse modo, analisamos as experiências dos personagens de João Gilberto Noll a partir das desterritorializações, das subjetividades e das errâncias que elas fazem tanto no espaço físico quanto no espaço mental. Essa análise nos permitiu entender o movimento, o curso natural dos andarilhos física e mentalmente que constroem o sujeito/personagem nas obras destacadas. Analisamos os andarilhos e solitários que estão a perambular no tempo e no espaço, sem bagagem, apenas com o desejo de contemplação, do movimentar-se sem parar.

Desse modo, é partindo do pressuposto de que há a representação da errância da palavra, dos personagens, da subjetividade do corpo em obras de João Gilberto Noll, que destacamos a importância de uma análise dos personagens, sejam eles protagonistas ou não. Este trabalho destacou a representação do desejo de errância e das subjetividades do corpo representadas nas figuras dos personagens constituídas pelo escritor. Isso é possível porque os personagens vivem em processos de desenraizamentos e desterritorializações tanto de tempo quanto de espaço, fato que reflete na construção de suas identidades.

Convém lembrar a exemplo disso, o pensamento de Bauman (2005) que diz:

Numa sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de “solidificar” o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Nesse sentido, o que ora constitui as identidades é semelhante a uma colcha estilizada de retalhos. Os outro(s) é que (re)constituem quem somos em um cenário de (re) criações que se configuram a partir das subjetividades oferecidas pelo momento contemporâneo. Nesse ínterim, os sujeitos assumem posturas identitárias descontínuas que se deslocam em diferentes direções. Para Hall (2005, p. 13):

[...] o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade única e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades [...] O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. (HALL, 2005, p.13).

Dito de outro modo, as identidades sofrem deslocamentos que não seguem os paradigmas da estabilidade, pois os momentos contemporâneos advogam em favor de identidades múltiplas, da pluralidade em que o sujeito vive e se transforma moldando as identidades que o constituem. Assim torna-se um sujeito dividido, clivado, atravessado por pluralidades, sejam estas de que natureza forem.

Além disso, vemos que a linguagem oferecida pelo autor, no texto literário, conflui para uma tentativa de mostrar que a identidade das personagens assemelha-se a dos sujeitos pós-modernos e é também fragmentada. Destarte, no discurso dos narradores percebemos uma linguagem ousada, a qual traz temas presentes que vão desde a tradição até a nacionalidade, refletindo, dessa forma, uma contextualização que, como dito anteriormente, perpassa a obra literária e adentra na realidade do sujeito pós-moderno.

Ademais, o estudo das obras citadas nos possibilitou contribuir no âmbito acadêmico, a fim de mostrar que o texto literário revela de forma atemporal marcas do contexto social que tentam fazer o homem entender a si e ao mundo circundante. Noll nos apresenta, portanto, uma literatura em que os personagens estão imersos em não lugares, desterritorializados, desapegados de suas raízes nacionais e identitárias. Porém, ao mesmo tempo em que passam por um processo de desterritorialização, eles desvendam, através de seus discursos a sensação de prazer em ser um andarilho constante. Os indivíduos parecem perder a consciência de si mesmos e apresentam-se ao

leitor, pelo discurso do narrador, como indivíduos que estão à procura de algo que não está em lugar nenhum. Em outras palavras, são narrativas repletas das experiências de mundo vivenciadas por seus personagens e que trazem as marcas de um momento que perpassa a literatura. É uma narrativa que vem como reflexo do momento e do mundo circundante, da inconstância que a vida cotidiana se tornou.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: **literatura e senso comum**. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2 ed. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil Platôs: **capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós modernismo**. Tradução Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 10. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAFFESOLI, M. Sobre o nomadismo: **vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2001.

MEDIÉDEV, Pável Nikoláievich. O método formal nos estudos literários: **introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

NOLL, João Gilberto. Entrevista com João Gilberto Noll: **Entrelivros**. Outubro, 2006.